

AUGUSTO CURY



O Semeador de Ideias

QUE ATITUDES TOMARIA SE O MUNDO DESABASSE SOBRE VOCÊ?

Augusto Cury

O Semeador de Ideias

Adaptação
Cristina Paixão



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2007, Augusto Cury
© 2007, Editorial Planeta
© 2011, Planeta Manuscrito

Revisão: Eulália Pyrrait

Paginação: Segundo Capítulo

1.ª edição: Março de 2011

Depósito legal n.º 322 202/11

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-156-6

www.planeta.pt

*Para a Camila, a Carolina e a Cláudia, as
minhas queridas filhas, que me transformam
diariamente num eterno aprendiz.*

*Elas irrigam a minha história com amor e
fazem-me entender que, sem o amor, os ricos
se tornam miseráveis e, com ele, os miseráveis
se transformam em abastados; sem o amor,
o conhecimento torna-se uma fonte de tédio, e,
com ele, um manancial de aventura.*

*Não sou um pai perfeito, mas considero-me
o mais feliz do mundo.*

Prefácio

Este romance conta a história de um homem internacionalmente poderoso que descobriu que a existência é uma brincadeira no tempo e que o sucesso é cíclico, tal como as tenras folhas que nascem na mais bela Primavera e se desprendem inevitavelmente no próximo Inverno. Ele percorreu lugares distantes e inóspitos, travou batalhas enormes e depois de muitas fadigas descobriu que tudo o que procurava estava mais próximo do que imaginava.

O mundo desabou sobre esse homem. Tornou-se um colecionador de lágrimas. Profundamente deprimido, como se estivesse com a mente despedaçada, saiu, primeiro, em busca do seu próprio ser e, posteriormente, da sociedade dos sonhos. Traído pelos amigos, asfixiado pelas perdas e pressionado pela culpa, tornou-se um Dom Quixote moderno que percorreu o mundo lutando contra os fantasmas que o assombravam. Mas percebeu que os piores fantasmas estavam dentro dele. Nessas andanças, libertou a sua inteligência e retirou força da fragilidade, coragem do medo, serenidade da loucura. Por onde andava reunia pessoas feridas, deprimidas, emocionalmente mutiladas, tratadas como escória ou lixo social. Tratou delas como um pai, protegeu-as como um amigo e nutriu-as como um semeador de ideias.

Nessa jornada fez grandes descobertas. Descobriu que a indústria da prensa asfixiou a tranquilidade, a indústria da informação contraiu a formação de mentes pensantes e a indústria do consumismo

sangrou a capacidade de nos encantarmos com a beleza escondida nas pequenas coisas. E, pior, descobriu que ele mesmo, quando era um dos homens mais poderosos do planeta, havia contribuído para acelerar essas «indústrias» e instalar o caos na sociedade.

Para este intrigante homem, a sociedade digital estava a criar ilhas humanas. A solidão tornou-se a angústia fundamental de adultos e crianças, embora nem sempre percebida. Eram tempos difíceis. Tempos de escassez de prazer e de abundância de ansiedade. Tempos em que se procuravam novos heróis, sem saber que a necessidade vital da humanidade não era de heróis, mas de seres humanos conscientes da sua fragilidade e das suas imperfeições.

Neste romance psiquiátrico e sociológico, procuro dissecar algumas masmorras psíquicas e algumas loucuras da actualidade. Nele há elementos autobiográficos. As preocupações, a sede de respostas e as interrogações que pulsavam na mente do protagonista pulsam também em mim...

Capítulo 1

O Semeador de Ideias

Sempre me fascinou estudar seres humanos que marcaram a história da humanidade. Alguns pelo seu imaginário, como Newton, Einstein e Freud; outros pela sua determinação estratégica, como Lincoln, Churchill e Martin Luther King; outros pelo poder do silêncio e da sensibilidade, como Maria, Gandhi e Confúcio; e outros, ainda, pelo poder influenciador das palavras, como Moisés, Rousseau, Voltaire e Marx. Quando pensava que mais ninguém me surpreenderia, eis que encontrei um homem de cabelos revoltos, roupas rasgadas e remendadas, um verdadeiro maltrapilho, sem qualquer *glamour* social, mas que, apesar disso, abalou a minha mente e me atraiu com o seu magnetismo intelectual. Encontrava-me nos vales mais profundos da dor psíquica. Cativado, passei a segui-lo, não como um religioso ou um idealista político mas como uma fonte borbulhante de indagações e como engenheiro de ideias. Caminhei ao seu lado, correndo todos os riscos possíveis e imagináveis.

Eu, um professor doutor em sociologia, escritor, especialista em marxismo, orientador de teses, ao andar com ele, descobri alguns dos meus fantasmas. Era um egóico. Não era um alcoólico, mas vivia embriagado com os meus títulos e conhecimento acadêmico. Sabia mais do que os meus pares sobre o socialismo, a relação capital-trabalho, a socioeconomia dos grandes impérios. Era um expoente na universidade, sabia conviver com livros, mas não com seres humanos.

Sempre fui tenso, irritadiço, impulsivo, intolerante. Resiliência, quase zero. Não aceitava ser contrariado, criticado, confrontado. Adorava expor as falhas alheias, mas escondia as minhas debaixo do tapete da minha intelectualidade. Humildade e sensibilidade não faziam parte do dicionário da minha existência.

Certa vez, o maltrapilho olhou-me bem nos olhos, como se estivesse a penetrar na minha mente e a desvendar o meu passado turbulento, e advertiu-me, assim como aos restantes discípulos:

– A humanidade não precisa de heróis nem de deuses, mas de seres humanos que reconheçam as suas tolices e assumam as suas limitações e imperfeições. Vocês são deuses ou seres humanos?

Eu julgava-me um ser humano, dava cursos sobre inclusão social, mas confesso que sempre me comportei como um deus inquestionável. Em seguida, ele continuou:

– Todos os heróis vêm a sua força esfacelar-se um dia, há sempre um momento em que ela diminui. Todos os pensadores se deparam, mais cedo ou mais tarde, com as suas loucuras. E todos os mestres, na sua caminhada, se tornam um menino diante do inexplorado.

As suas palavras pareciam prever a tragédia que em breve lhe aconteceria; aliás, a segunda tragédia. A primeira ocorrera havia poucos anos, quando sofreu a perda de toda a família. A agenda humana recomenda que os filhos enterram os seus pais. Pais que enterram os seus filhos experimentam o último estágio da dor humana. O meu Mestre não só viveu essa dor como, além disso, não enterrou os dois filhos e a sua querida esposa, uma vez que não encontrou os seus corpos no acidente de avião que ceifou as suas vidas. É provável que a psicologia não tenha esquadrinhado angústia tão espantosa como a que ele enfrentou. Tornou-se o mais devastado dos homens. Perdeu tudo, sobrou-lhe o irrelevante: um *status* social elevadíssimo, poder político internacional e uma das maiores fortunas do planeta.

Tratamentos psiquiátricos e psicoterapêuticos aliviaram-no, mas não suavizaram o drama da perda nem lhe devolveram o oxigénio da alegria. Tinha crises frequentes. As imagens do passado, a saudade incontrolável, o vazio emocional, a culpa, tiravam-lhe a concentração

e torpedeavam-lhe a mente. Queria voltar atrás no tempo e ter cinco minutos para mudar a sua história. Mas como? Talvez por isso nos alertasse sempre:

– A morte é cruel. Digladia-se com intelectuais e torna-os meninos. Debate com ateus e transforma-os em tímidas crianças. Guerreia contra generais e torna-os frágeis combatentes. Batalha com milionários e sepulta-os na lama da miserabilidade. Peleja contra celebridades e fá-las beijar a lona da insignificância. A vida dá-nos sempre outras oportunidades, a morte nunca.

A morte cerrou-lhe as janelas das oportunidades e revelou a sua pequenez. Sempre achou que poderia ter feito muito mais pelos filhos e pela esposa. Amava-os, e muitíssimo, mas pouco a pouco colocou-os no rodapé da sua história, trocou-os por reuniões de trabalho intermináveis. Procurava viver o tempo qualitativo, construir momentos solenes dos míseros minutos que tinha para eles. Talvez por isso eles o amassem tanto, mas queriam também o tempo quantitativo, queriam rebolar do tapete, passear juntos, envolver-se em peripécias. Mas ele não tinha tempo nem para si próprio. Era um homem que diariamente tomava grandes decisões que envolviam a vida de milhares de pessoas. Nos últimos dois anos, chegava a casa esgotado, sem energia. Era um escravo que anunciava internamente que em breve faria uma grande cirurgia na sua agenda. Todavia, a morte bateu-lhe à porta e fechou-lhe a agenda.

Ele guardava importantes segredos que nós, os seus discípulos, desconhecíamos. O que o levou a tomar a decisão aparentemente insana de sair pelo mundo, sem rumo, sem endereço, sem mapa? Como pode alguém que foi fotografado, aplaudido, colocado no centro das atenções sociais optar por ser um indivíduo paupérrimo? Por que fala pouco sobre o seu passado? Saiu sem nada, sem dinheiro, cartão de crédito, cheques, seguranças, carros. Saiu em busca do elo perdido, como um Dom Quixote que deambulava pelas ruas da cidade moderna, lutando contra os monstros que encontrava pelo caminho, e, por fim, descobriu que eles estavam dentro de si. Talvez por isso, há um mês atrás nos tenha abalado com estas palavras:

– Se considerarmos a personalidade humana como um grande edifício, a maioria dos seres humanos nunca saiu do piso térreo, da sala de recepção. Sim, a maioria jamais entrou no subsolo da sua mente nem nos andares mais elevados da sua inteligência. São desconhecidos de si próprios. – Depois destas palavras, fitou-nos e disse: – Eu era um estranho para mim mesmo. Um estrangeiro na minha própria terra. E vocês?

– Eu? – tive de admitir também – ... eu dava aulas, conversava com as pessoas, telefonava, fazia relatórios, discutia com alunos, debatia as teses socialistas e capitalistas, mas raramente saía da sala de recepção da minha psique. Por isso, quando adoeci e precisei de procurar psiquiatras e psicólogos, resisti. Não tinha medo deles, até porque era mais culto do que vários desses profissionais, mas tinha medo de mim, tinha medo de me encontrar.

– Eu já fui para o subsolo da minha mente – disse Bartolomeu, o discípulo que vivia bêbado pelos bares da vida e caído pelas ruas. Era o mais sincero e de língua mais incontrolável. Em seguida completou: – Encontrei cada assombração, de causar um frio na espinha.

De facto, todos nós temos os nossos monstros, mas muitos preferem negá-los ou escondê-los. O Mestre era transparente, ia-nos ensinando dia a dia a ter contacto com as nossas mazelas e misérias, a superar a necessidade neurótica de ser perfeito. Mas por quanto tempo o seguiremos? Deixará um dia de ser um maltrapilho? Como será no futuro a nossa relação com ele? Nenhum discípulo tinha a resposta. Nem ele sabia sobre o amanhã, só sabia que tinha sido um prisioneiro no passado. E falou de algumas das suas algemas nos tempos de glória:

– O dinheiro pode transformar mansões em prisões, empresas em masmorras e terras em ilhas. Eu tinha belíssimos jardins, mas quem desfrutava das flores eram os meus jardineiros. Quem era rico? Eu ou eles?

Ele não tinha medo de dizer que era um miserável a morar num palácio. O homem, detentor de um dos mais elevados *status* internacionais, caiu do pináculo da sua glória para os patamares mais baixos da miserabilidade social ao perder toda a sua família. E quando, na

condição de maltrapilho, parecia que não tinha mais nada de valor, encontrou valores inestimáveis. Ao abrir a sua boca destemida e espontânea, tornou-se um pólo de atracção para as pessoas. Por onde passava resgatava mentes feridas. Dava-lhes conforto, atenção exclusiva, provocava-lhes o intelecto bloqueado, instigava-as à genialidade. Às vezes calava-se e dava-lhes apenas o ombro para chorarem. Fazia isso como forma de respirar, de se sentir um ser humano.

Encontrou, pouco a pouco, dias felizes ao lado do complexo e complicado grupo de discípulos, entre os quais figuravam vigaristas, espertalhões, alcoólatras, drogados, psicóticos, deprimidos, sociólogos, modelos, professores. Alguns deles metiam-no constantemente em confusões. Mas, em vez de protestar, descontraiam-se com os nossos disparates.

– Quem exige muito de si e dos outros está apto para lidar com números, mas não para conviver com seres humanos.

Tinha sido um homem que exigia muito dos outros e de si. Mas flexibilizou a sua mente ao tomar consciência de que a existência é uma pequena brincadeira que se encerra rapidamente no pequeno palco de um túmulo.

No início da nossa jornada, não sabíamos quem seguíamos. Só agora, passados muitos meses, estávamos a conhecer essa misteriosa personagem. E descobrimos a sua identidade por causa da segunda tragédia que viveu: a causa pela qual a vida da sua família fora ceifada. Procurou dia e noite uma explicação para o acidente, mas nunca encontrou uma resposta satisfatória. Então, uma pequena mensagem, que lhe chegou por meio de um estranho, esfacelou a sua alma e revelou algo inimaginável: o acidente aéreo que extirpou a sua família não acontecera por avaria no motor ou falha do piloto, mas por um acto terrorista. E ele era o alvo.

Gostaria de ter o seu perdão, mas não exijo que me perdoe. Sei que todos os homens têm os seus limites, principalmente quando atingem os seus filhos. Saiba que dois dos seus grandes amigos da Megasoft encomendaram um assassinato. Os seus filhos não morreram num acidente.

Todos pensavam que você estaria no voo JM 4477 do dia 23 de Março. Você era o alvo.

A mensagem era misteriosa, trazida por um mensageiro estranho, e fora escrita por alguém que conhecia muito bem o passado do Mestre. Por que razão a mensagem só chegou agora? Arrependimento? Vingança? Queima de arquivo? Não sabíamos, nem ele, mas o facto é que os dados eram reveladores, citavam a sua empresa e davam especificações do número de voo. Nunca mais se esquecera daquele voo, do dia e da hora de embarque. Programara aquelas férias com os filhos e a esposa. Estava eufórico com a viagem, precisava de descansar, necessitava de desfrutar das suas crianças, sentia que elas estavam a crescer e não conseguia acompanhar o desenvolvimento delas. Mas desta vez não queria viajar num jacto particular, queria ir num avião comercial da sua companhia aérea, que era um dos seus mais novos empreendimentos. No último momento, por causa de um compromisso urgente surgido na sala de embarque, não conseguiu embarcar, mas os terroristas não receberam essa informação. Para destruir um homem, eliminaram impiedosamente 105 pessoas. A vida, cujo preço é incalculável, foi reduzida a valores irrisórios.

Sempre que encontrava um pai a protestar por causa da vida, do salário, da empresa, ele olhava para o filho que estava ao seu lado e chocava-o:

– Quanto vale o teu filho?

Espantado, o pai dizia:

– Não tem preço!

– Então tu és o mais rico dos homens.

Imagino o drama que passava pela sua mente por já não ter as pessoas que amava e por ter sido a causa da sua perda. O sucesso foi a sua desgraça. Ele sabia muito bem o estrago que o sentimento de culpa, quando intenso, pode causar na mente humana. Um mês antes de essa dramática notícia vir à tona, o Mestre passeou pela história da filosofia e comentou que Sócrates, grande pensador grego, ao ser sentenciado a beber a cicuta, que produzia a morte por envenenamento,

minutos antes de a beber pediu aos seus discípulos que saldassem uma dívida. Era a dívida pequena de uma ave, um galo, mas ele fazia ponto de honra em a deixar resolvida.

– Quem se preocuparia com dívidas à beira da morte? Sócrates preocupou-se. A cicuta asfixiaria os seus pulmões e paralisaria o seu coração, mas a culpa não envenenaria a sua emoção. Os venenos intoxicam o corpo, mas a autopunição gerada pela culpa faz sangrar a alma. E Sócrates sabia isso.

A notícia que acabara de receber produziu uma violenta autopunição, que fez com que a sua alma sangrasse de imediato. E agora? Os monstros da perda e da saudade estavam razoavelmente domesticados, mas o sentimento de culpa alastrou de súbito no subsolo da sua mente, ganhando proporções fantasmagóricas. Algumas dívidas importantes são possíveis de saldar. Mas como saldar a dívida desse pai dilacerado? Não era possível! A quem pedir perdão? Aos filhos, à esposa? Eles foram-se! Como corrigir o passado, se ele é irrevogável? De facto, o gigante apequenou-se ao máximo. Caiu de joelhos e prostrou-se com o rosto na terra. Os seus lábios tremiam, e ele bradava inconsolável:

– Os meus filhos morreram por minha causa! Por minha causa! Não! Não!

Imagens dos seus filhos a correr, a abraçá-lo, a beijá-lo percorriam o seu intelecto e misturavam-se com a realidade. O «médico» de mentes fragmentadas que protegia os desprezados da sociedade tornou-se o mais ferido dos seres humanos. Não havia palavras que descrevessem a sua crise. Eu fiquei mudo, não tive reacção. O sábio tornou-se um menino sem nada nem ninguém, completamente desprotegido. Com a face sobre os joelhos, balbuciava para si mesmo:

– Perdoem-me! Perdoem-me. Eu amo-os, mas não os protegi. Perdoem-me. – E, apertando a cabeça com as mãos e friccionando os cabelos, vociferava angustiado, como se estivesse a alucinar: – Tranquilidade...! Qual é o teu preço? Onde estás?

Sabia que a tranquilidade valia mais do que o ouro e a prata. Sem ela, reis enlouqueceram; com ela, súbditos miseráveis tornaram-se

ricos. Sem ela, generais vitoriosos foram derrotados; com ela, perdedores recomeçaram a sua vida, resgataram o prazer de viver. Daria toda a sua fortuna em troca de tranquilidade, mas sabia que ela era invendável. Procurava-a como um naufrago que alucina. Lembrei-me de quando, há três meses, ele abordou a filosofia da dor:

– Quando a dor psíquica nos encontra nas curvas da existência, todas as nossas diferenças desaparecem. Deixamos de ser judeus e árabes, psiquiatras e pacientes, ricos e miseráveis, e tornamo-nos apenas seres humanos desesperados em busca de paz e conforto.

Pensei eu: a criatividade e a audácia despedir-se-ão definitivamente da sua alma; a sensibilidade e a paz de espírito transferir-se-ão da morada da sua mente para nunca mais voltar. E ainda analisei para comigo: a sua voz não entoará mais melodias, nem o seu intelecto semeará mais ideias. A sua inteligência confinar-se-á a um cárcere insolúvel. Será um homem condenado a viver dia e noite nos vales sórdidos da depressão e nos terrenos desérticos da culpa. Enfrentou o terror de fora com incrível determinação, inclusive vaias, vexames, espancamentos e riscos de morte, mas será silenciado pelo terror de dentro. E, sobre esse subtil pavor, certa vez comentou connosco metaforicamente:

– Não tropeçamos nas grandes montanhas, mas nas pequenas pedras. Os vírus matam-nos mais do que os grandes inimigos exteriores. Quais vírus? Os do humor depressivo, da autopunição, do medo, dos pensamentos perturbadores que se alojam em nós e ninguém vê.

O terror de dentro injectou colónias de vírus na sua mente, bombeando pensamentos inquietantes do recôndito do seu ser, que o algemavam ao banco dos réus e o sentenciavam aos gritos: «Culpado! Culpado!» O seu cérebro stressado fazia com que o tórax vibrasse e os pulmões galopassem numa busca desenfreada por ar. Para mim, ele estava em colapso psíquico e dele não sairia.

Ele preocupava-se com os vírus mentais, e eu, com as armas de fogo. Em breve, as forças ocultas e malévolas que eliminaram os seus entes queridos eliminá-lo-iam. Senti calafrios na espinha ao pensar que ele estava a ser caçado como um rato num porão. Provavelmente,

nesse exacto momento, já estava sob a mira de um atirador de elite. Ideias persecutórias abalaram-me. Ao que parecia, era um milagre estar vivo até agora.

Não entendo por que queriam matá-lo, mas é provável que a sua cabeça valesse mais dinheiro do que um pobre professor de sociologia conseguisse contar. Preocupadíssimo com a nossa segurança, sentenciou que daquele dia em diante não queria ser seguido por mais ninguém. A grande aventura acabou, o sonho dissipou-se como gotas em terra árida.

– Por favor... Partam! Aprendi a amar-vos, mas mais ninguém... sim, mais ninguém deve morrer por minha causa.

Um filme sem guião, cujas personagens haviam morrido no trágico acidente, passava na sua cabeça. Pensava nos pais que se foram, nas mães silenciadas, nas crianças que nunca mais brincariam. Estava indignado e inconformado. Os seus brados altissonantes atraíram como mel os transeuntes famintos de emoções:

– Porquê?! Porquê?! O que fiz eu para ser protagonista de tanta dor?! Onde falhei? A quem ferir? Porquê eles e não eu?

Batia no peito com a mão direita como se quisesse arrancar o seu coração ainda a pulsar o sangue. Ao contrário dos líderes mundiais que levaram os seus filhos para a guerra sem sentimento de culpa, ele também fora um líder mundial, mas, embora imperfeito, deprimia-se por cada inocente que morrera indirectamente por sua causa.

Quem poderia ajudar uma mente inteligente como a dele? Quem poderia aliviá-lo? Se psiquiatras e psicólogos se perturbavam com a sua genialidade e o admiravam, alguns até seguindo-o informalmente, o que dizer de mim mesmo, que me sinto impotente?! Conheço os meus limites, visitei os vales sórdidos da auto-rejeição e da desmotivação. Queria desistir de viver, mas este homem, ao encontrar-me, chocou-me dizendo que os suicidas têm fome e sede de viver. Fiquei assombrado e, ao mesmo tempo, deslumbrado com a sua afirmação. «Eu, quando penso em morrer, na realidade estou a manifestar sede de viver? Que loucura é essa?», reflectia. No fundo descobri que ele estava

coberto de razão. Os suicidas são apaixonados pela vida, mas detestam conviver com a dor. Fui iluminado psiquiatricamente.

Pela primeira vez chorei à frente de outro homem sem freios. Passei a encarar os meus fantasmas. Resgatei a gana de viver. Fiquei tão grato que iniciei com ele uma bela caminhada. Entretanto, todas as histórias esgotam as suas vírgulas e terminam num cálido e seco ponto final. Não posso fazer nada por ele, nem ele mais nada por mim. Era mais seguro seguir o seu conselho e partir. Foi o que fiz. Amargurado, virei-lhe as costas e fui reconstruir a minha agenda. Os restantes discípulos, trémulos, ficaram. Eram mais românticos do que eu.

Quando estava a dez metros de distância, entrei em pânico. O homem cuja alma sangrava, em colapso mental, falido pela culpa, sem condições de raciocinar, levantou-se, abriu os braços para o céu e começou a proclamar como o mais lúcido dos loucos ou o mais louco dos lúcidos. Não sei ao certo.

Durante a caminhada que fiz com ele, vi-o debater com intelectuais, políticos e grandes executivos e silenciá-los; agora, por mais inacreditável que parecesse, resolveu chamar para o debate Aquele diante de quem grande parte da humanidade se ajoelha: DEUS. Com bramidos dramáticos, fez uma bateria de indagações:

– Quem és Tu, que Te escondes atrás do parêntesis do tempo? Quem és Tu, que desdenhas da nossa intelectualidade e sorris das nossas loucuras? Tens Tu prazer em tornar os pensadores, crianças, os filósofos, tímidos e os religiosos inseguros para falar de coisas que não entendem? És Tu o Autor da vida? Criador? Todo-Poderoso? Se Tu és Todo-Poderoso, por que não discutes comigo sobre as minhas inquietações? Não admities que os diminutos debatam Contigo? Proponho uma mesa-redonda entre Ti, colossal, e eu, frágil! Nela depositarei as minhas lágrimas e indecifráveis dúvidas, bem como as perguntas que os homens não têm coragem para formular.

Perturbei-me com as suas indagações. «Não é possível», pensei. Em vez de se prostrar diante de Deus, chamou-O para um debate. E ninguém previa o que seria discutido. Depois desse episódio, ele deixou de ser um vendedor de sonhos e passou a ser um ousado semeador

de ideias. E nós, depois de presenciarmos o seu «debate», nunca mais seríamos os mesmos. Não fomos nós apenas, que o seguíamos, a ficar perplexos; aconteceu também com uma multidão que se aglomerou ao redor dele, emudecida. Judeus, muçulmanos, cristãos, budistas, agnósticos, ateus, havia todas as correntes de pensamento naquela praça movimentada. Ele continuou com as suas perguntas:

– Por que Te calas, Todo-Poderoso? Porque sou impuro? Por que reténs as Tuas palavras? Porque Tu és uma ilusão do cérebro humano ou porque sou mortal, torpe, prepotente? Se Tu és o Autor da vida, tenho direito a uma audiência.

Alguns religiosos radicais, ao ouvirem o seu protesto, rangeram os dentes e consideraram-no o mais insolente dos hereges. Dois deles, num ímpeto de fúria, arrancaram pedras da calçada e atiraram-lhas para cima sem piedade. Uma delas, que mal cabia na palma da mão, atingiu-o no ombro direito, e a outra, mais pequena, na face esquerda, traumatizando-a e abrindo uma ferida de dois centímetros. Temi que fosse linchado em praça pública. Teve uma vertigem. Mal se aguentando, ele mesmo conteve o tumulto com as mãos, e fez um sinal aos seus discípulos dizendo:

– Não intervenham! Não importa se morro. Se me calar, já estarei morto.

A sua dor psíquica era tão ampla que minimizou a dor física. Alguns pensavam que fosse um céptico ateu a expurgar a sua revolta; outros, um filósofo que resolvera espantar as perturbações da sua mente. Havia espectadores que pensavam que fosse um psicótico a delirar. Mas ele era um ser humano com sede insaciável de explicações. A cena, de qualquer forma, era chocante. Era um homem culto e eclético, passeava pela física e pela filosofia com habilidade. A sua mente era um poço insaciável de perguntas.

Tomou fôlego para continuar o seu intrigante debate:

– És Tu o insondável, o Alfa e o Ómega? A Tua história é um eterno recomeço, em que princípio e fim se entrelaçam num círculo atemporal e interminável? Se não tens princípio nem fim de existência, Tu transcendes o espaço-tempo, e, se transcendes, onde estavas

Tu na primeira fagulha da existência quando o universo se formou há 14 bilhões de anos na grande explosão, no Big Bang? Que pensamentos permeavam o Teu psiquismo?

Deu um nó na nossa mente. E em seguida bradou:

– Tu és a causa fundamental ou um delírio do psiquismo humano? Mas não podes ser um delírio, pois *ex nihilo nihil fit* (do nada, nada se faz). O nada é eternamente estéril. O nada nunca poderia ter despertado do pesadelo da inexistência para o sonho da existência. Nem a teoria do Big Bang, ou a do Universo Oscilante, ou a do Universo Estático se desenvencilharam de uma causa fundamental. Tu tens de ser a Causa das causas. Se Tu não tens origens, se sempre foste, se és a Causa fundamental, eu tenho o direito de saber as origens da existência, porque sou parte dela. Que instrumentos usaste Tu para brincar com a física, com as leis da termodinâmica, com as forças gravitacional e nuclear? Os planetas e as estrelas, bem como a vida, são quase improbabilidades, e Tu sabe-lo muito bem. Se a taxa de expansão do universo um segundo após o Big Bang tivesse ocorrido a uma velocidade mais baixa do que um em cem mil triliões, a força gravitacional teria colapsado o universo, gerando uma grande explosão. E, se se expandisse a uma velocidade infinitesimalmente maior do que se expandiu, não se formariam estrelas e planetas, e uma vez mais não haveria vida. Pensaste nisso ou o improvável ocorreu da loucura do acaso?

Ao ouvir as suas interrogações ditas para o ar, fiquei intrigado com a sua cultura. Nunca tinha pensado que a possibilidade de existirem planetas e estrelas, do ponto de vista estatístico, era absurdamente pequena. Nem mesmo que a existência da vida era quimicamente tão improvável; que a probabilidade seria mais baixa do que a de um atirador localizado em Nova Iorque acertar numa mosca em Paris centenas de vezes, de seguida. Talvez por isso o Semeador de Ideias fosse um homem que exaltava a vida como um *show* espectacular. Mas, nesse momento, estava desapontado com o Autor da existência. Por isso, disse:

– Não Te cales, peço-Te. Se fores o Artesão superinteligente da existência, tens uma personalidade, como eu tenho. E, se tens, por que

não mostras a Tua identidade e respondes às minhas interrogações? Nós, humanos, amamos o reconhecimento, ainda que não o confessemos, mas por que Te escondes atrás da cortina do espaço? Que personalidade é essa? Por que Te silencias nos bastidores do teatro do tempo e não alardeias os Teus feitos no palco? Que intelecto é esse? Por que preferes que os seres humanos construam milhares de religiões para que Te tacteiem no escuro? Eu, pequeno, frágil, um átomo errante, mas pensante, definitivamente não Te entendo.

A sua sequência de perguntas provocava o nosso cérebro. Não tínhamos tempo para respirar e reflectir. Após uma breve pausa, começou a entrar no centro das suas dúvidas. Mas, até àquele momento, não sabíamos aonde queria chegar.

– Quero entender pelo menos as camadas mais superficiais da Tua mente, «ó, Desconhecido»! O que fazias em todos os infinitos estágios que antecederam os 14 biliões de anos da existência do universo? Que pensamentos e imaginações se encenavam no Teu intelecto no tempo antes do tempo? Como vivias? O que Te animava? O que Te motivava? O que movimentava a Tua emoção se estavas só, mergulhado nas tramas insondáveis do vácuo, onde o tudo e o nada eram a mesma coisa? Que sentido existencial irrigava a Tua emoção, se não ouvias nem falavas com nenhum ser, a não ser Contigo mesmo? O que Te distraía, se não havia um átomo para observar ou uma imagem para contemplar? Quem suportaria essa solidão, por mais alegre e emocionalmente forte que fosse?

Ficámos todos assombrados com as suas indagações. Teólogos, judeus, muçulmanos, cristãos e outros que estavam presentes passaram as mãos sobre a testa tentando conter o suor. Estavam perplexos, porque aquelas perguntas não tinham feito parte do cardápio dos seus estudos. Entretanto, alguns religiosos fundamentalistas voltaram a enfurecer-se com tais argumentos. Para eles, um homem mentalmente saudável não deveria apresentá-los. Um deles aproximou-se e esbofeteou-o sem piedade na face esquerda, produzindo um estalido agudo. Outro esmurrou-o súbita e violentamente na boca, provocando-lhe uma hemorragia no lábio inferior, dizendo-lhe:

– Louco! Insano! Quem pensas que és?

O Semeador de Ideias caiu. Começou a sentir uma vertigem mais intensa, quase desmaiou. Os agressores foram contidos rapidamente. Mas ele fez sinal para que não os agredissem. Tentámos ajudá-lo a levantar-se e a retirar-se daquele Coliseu moderno, mas, por insano que fosse, insistiu em ficar. Fitou o seu último agressor e disse-lhe com delicadeza:

– Sou um homem saturado de erros, mas que tenta entender Aquele em quem tu crês.

«Onde foi ele buscar essas ideias?», pensei eu. «Por que as expõe?» Conheci o pensamento de Diderot, Marx, Nietzsche, Freud, Sartre e tantos outros ateus que queriam banir Deus da mente humana e da sociedade. Conheci também o pensamento de Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Espinosa, Descartes e tantos outros que de alguma forma procuraram Deus nas entrelinhas da existência e na arena do conhecimento. Mas nunca tinha tido contacto com as indagações que acabara de ouvir. Estávamos tão atónitos com o Semeador de Ideias que os roncos dos motores em volta da praça se tornaram imperceptíveis. O círculo aumentava em torno daquele homem cambaleante. Estava a morrer, mas precisava de continuar o debate com o Autor da existência. Dava a impressão de que o tempo tinha parado. Não entendíamos bem aonde queria chegar. Mas, pouco a pouco, as nuvens dissiparam-se da nossa mente. Depois de fitar os seus agressores, pensei que não tivesse mais energia cerebral para continuar o seu debate. Enganei-me. Ainda que Deus se mantivesse calado ou respondesse de forma inaudível, o debate aqueceu. O homem que eu seguia retomou o assunto da solidão e disparou para o alto:

– Eu, humano, contraído na minha emoção e limitado pelo meu intelecto, não suportaria nem uma pequeníssima fracção da solidão que Tu viveste, Eterno. A solidão branda inspira a minha inteligência, mas a solidão plena despedaça a minha mente, aborta o meu prazer de viver. Até os psicóticos criam personagens nos seus delírios para não serem esmagados pela solidão. – Olhou rapidamente para todos os que rangiam os dentes contra ele e disparou estas perguntas:

– Será que os religiosos que Te exaltam consideram que Tu não tens sentimentos? Negarão eles que Tu tenhas emoção e necessidades? Não projecta o escultor os seus secretos sentimentos na forma das suas esculturas, nem o artista plástico nas nuances dos seus quadros? Bem sabes que o artista produz as suas obras por necessidades intraduzíveis!

Nesse momento, fez uma pausa para respirar. Tinha perdido tudo o que amava, só lhe sobrava o calabouço da culpa. Pouco a pouco, nós, os seus amigos íntimos, fomos entendendo que queria encontrar uma fresta de luz para sair daquele cárcere. Mas como? Respostas filosóficas, religiosas, biológicas e psicológicas simplistas não aquietavam o seu complexo e dilacerado intelecto. Conhecia a teoria antropológica de Edward Taylor, e os seus erros, e sabia que ela fundamentara o banimento de Deus da sociedade por Vladimir Ilitch Lenine e por outros líderes socialistas. Sentia-se também completamente insatisfeito com o debate dos que advogavam o *design* inteligente e com os ateus naturalistas. Tinha sede de respostas mais profundas. Por isso realizava uma mesa-redonda sobre as suas gritantes inquietações, ainda que só se ouvisse a sua voz.

– Responde-me, Eterno: ainda que sejas o Pai da tranquilidade, a ausência do espaço-tempo foi para Ti um «quarto escuro» inexprimível que Te produziu uma sede borbulhante de relacionamentos? Eu sou intelectualmente débil, mas permite-me perguntar-Te: foi a eternidade passada uma prisão que provocou a abertura das janelas da Tua mente como Todo-Poderoso gerando-Te uma explosão criativa, transformando-Te no Autor da existência desse insondável universo?

As pessoas que o ouviam entreolhavam-se, tentando assimilar a dimensão da última pergunta. Mas não dava tempo. Toda a sequência de perguntas tinha uma lógica e preparava o terreno para ele abordar finalmente aquilo que tocava as entranhas do seu ser:

– O universo é um mero caldeirão de fenómenos físicos aleatórios ou existe para distrair a Tua emoção? A humanidade é fruto do acaso da selecção natural ou existe para encantar a Tua emoção e resolver a Tua solidão?

Ao ouvir essas palavras, a minha mente entrou num remoinho reflexivo. Sabia que o Semeador de Ideias tinha sido um dos mais ardentes ateus da história. Mas mudara o seu pensamento. No passado, ele pensava que a procura de Deus era fruto de um cérebro frágil e tímido, mas implodiu o seu ateísmo depois de estudar mais a fundo a física, a psicologia e a filosofia do caos. Passou a entender que a busca de Deus por todos os povos em todas as eras, independentemente de uma religião, era um acto inteligentíssimo de um cérebro apaixonado pela existência, que procurava em desespero transcender o caos da inexistência na solidão de um túmulo.

Com o tempo, compreendeu que tanto o ateísmo radical como a religiosidade fundamentalista são sustentados por crenças em verdades inquestionáveis, gerando comportamentos exclusivistas. Duas semanas antes da notícia do acto terrorista, falou-nos das suas conclusões sobre o caos imposto pela morte.

Comentou que o corpo humano tem cerca de três mil biliões de células, e nenhuma delas estava geneticamente programada para a solidão da inexistência, preparada para morrer. A morte era inevitável, mas não era natural para o código genético. Sobreviver era a meta última desse código. Por isso, quando uma pessoa entrava numa situação qualquer de risco, biliões de neurónios protestavam, produzindo milhares de reacções para a fuga ou para o confronto com o risco. Até o acto suicida gerava um protesto cerebral solene em favor da vida, capitaneado pela taquicardia e pelo aumento da frequência respiratória. Para ele, mesmo o cancro representava a sede pela continuidade da existência biológica, embora promovida por genes egocêntricos, e ainda que trouxesse graves consequências. A célula cancerígena abandonava a unidade corporal e seguia a carreira a solo de ser jovem para sempre, multiplicando-se incontrolável e egoisticamente, gerando uma competição predatória por nutrientes com outras células.

O Semeador de Ideias devorava livros todas as noites. A sua mente era um caldeirão de informações das ciências naturais e humanas. O cardápio do conhecimento, para ele, não era compartimentado ou separado. Ao encerrar o seu pensamento sobre a filosofia do caos,

citou também as reacções dos pensadores que o atravessaram e destacou Charles Darwin. Momentos antes de morrer, no meio de náuseas e vômitos, Darwin clamava: «Meu Deus, meu Deus!» Disse-nos que o clamor de Darwin não era o reflexo de um cérebro frágil, mas de um cérebro que lutava com bravura pelo alívio e pela continuidade da existência, ainda que considerasse utopicamente a morte um processo natural.

Comentou que Darwin era um agnóstico, mas que tanto agnósticos como místicos, tanto ateus como não ateus, todos fogem inexoravelmente da mais penetrante solidão, a solidão da inexistência, a solidão de «não ser». A perda da consciência de si mesmo resultante da desorganização do córtex cerebral quando se morre e a consequente perda irreversível de bilhões de informações que financiam a identidade da personalidade geram o caos absoluto, unem o ser com o nada.

Na ocasião, para nosso espanto, disse-nos ainda que quem reflectisse algumas horas sobre esse caos jamais seria o mesmo. Entenderia que a grande questão não era se Deus existe ou não, nem quem veneraria o debate, se religiosos ou ateus. A grande questão era que Deus precisava de existir, caso contrário, ateus e religiosos seriam ambos destruídos no caos da inexistência, extinguir-se-ia a liberdade de ser e a de pensar. Teria de haver um Deus com uma capacidade muito maior do que qualquer imaginação religiosa para resgatar as informações do córtex cerebral que se perderam com a morte. Caso contrário, seríamos mera poeira cósmica. Alguns de nós estariam nas páginas da história para nos fazer pensar que fomos algo no passado e disfarçar o angustiante facto de que seremos nada, simplesmente nada, no futuro.

Ao recordar essas palavras, entendi por fim que não era a solidão social ou a solidão do auto-abandono que perturbava a mente do Semeador de Ideias e estimulava o seu debate com Deus, mas a solidão da inexistência. Como era um homem que pensava muitíssimo, tentava sobreviver a essa solidão, à morte como fenómeno silenciador da vida, para ter esperança de que os seus filhos não tivessem morrido para sempre. Quase esgotado, continuou a sua cálida inquirição. Desta

vez deixou embasbacados até os religiosos que odiaram os primeiros «embates». Entrou no campo que eles conheciam, mas não usou a espiritualidade, e sim os alicerces da psicologia. Amarrou as ideias que proferiu num feixe e deu-lhes um choque intelectual. Constrangidos, engoliram a voz.

– Se conheces, ó Altíssimo, a minha mente, Tu sabes das indagações que me abalam. Diz-me: por que razão no primeiro mandamento suplicas aos seres humanos que Te amem acima de todas as coisas, de toda a sua alma, sua força e seu entendimento? Tal súplica não é estranha às teses sociais e políticas? Não está ela na contra-mão de todos os grandes líderes da história? Todos os reis exigiram a servidão. Todos os ditadores determinaram a obediência. Mesmo os políticos mais democráticos sonharam com a bajulação. Mas Tu, diferente deles, reivindicas o amor. Que necessidade psíquica é essa? Por que Te rebaixas a esse ponto de suplicar que Te amem? Não esconde subliminarmente esse mandamento a Tua eterna solidão, forjada nas entranhas do Teu isolamento antes de existir o espaço-tempo, que anseia por ser saciada? A Tua necessidade gritante de amor mostra que, embora eu e Tu sejamos muitíssimo diferentes em poder, somos semelhantes em carências.

Nesse momento, parece que todos os presentes, inclusive os que o agrediram, foram conduzidos a um jardim por aquelas perguntas. O Semeador de Ideias desejou interromper a sua fala, mas não conseguiu. Não queria concluir a sua tese, uma vez que ela defenderia Deus e o faria perdedor. Ela revelaria por que razão o Todo-Poderoso não agia na humanidade como ele desejava. As suas próprias palavras abalaram-no.

– A súplica pelo amor dessa débil humanidade expressa uma procura por algo que o Teu poder não Te pode propiciar. O Teu poder pode fazer muito mais do que a minha imaginação consegue pensar, mas não pode fabricar seres que Te amem. Bem sei que o amor não pode ser comprado, negociado ou transferido. O amor não cresce no terreno da coacção, da força e do controlo. Ele exige os terrenos férteis da liberdade e espontaneidade para florescer. Só se ama quando se

é livre! Por isso, Eterno, concluo que o Teu Poder se transformou no Teu grande problema. Se o usasses para resolver todas as dificuldades da humanidade, destruirias a nossa liberdade e eximir-nos-ias da nossa responsabilidade. Se atendesses a todos os desejos humanos na velocidade que queremos, em pouco tempo nós seríamos os Teus deuses e Tu serias para nós um servo. Quem Te amaria? Terias adulares, interesseiros, mercantilistas, manipuladores, perdulários, pródigos, e não filhos que Te amariam pelo que Tu és.

Em seguida colocou as duas mãos no peito, fez uma pausa e, percebendo que tinha sido injusto com o Autor da existência, falou com brandura:

– Eu sei o que é ter adulares! Hoje sou um indigente, um miserável que anda pelas ruas tentando entender o significado da existência. Mas já tive mais poder que reis e políticos. Fui aplaudido como raras celebridades, cortejado como poucos poderosos. Fileiras de pessoas gravitavam na órbita do que eu tinha. Tolo, pensei que elas me amavam. Ninguém passou no teste do *stress* emocional. Quando perdi tudo, perdi todos. – Então chorou e acrescentou: – É melhor ser atirado aos leões do que aos bajuladores: os leões matam-nos rapidamente; os bajuladores, aos poucos.

Fui torpedeado com essa ideia, porque, quando tive uma crise depressiva grave, os meus amigos da universidade também desapareceram. Não restou um intelectual ao meu lado. Depois de perceber que estava errado, o homem que seguíamos disse publicamente a sua miserabilidade e reconheceu os seus erros. Usou o seu poder para comprar o que não está à venda no mercado.

– Como resolver a minha solidão? A saudade dos meus filhos despedaçame. Beijos, abraços, afagos, entregas, diálogos, atitudes tão simples mas insubstituíveis. Viajei pelo mundo, percorri todos os continentes como um conquistador para descobrir que aquilo de que eu mais precisava já possuía. E não o valorizei. – Nesse momento, ao lembrar-se dos seus queridos filhos, colocou as mãos sobre a cabeça. Já não estava magoado com o Autor da existência, mas clamou, inconformado:

– Por que Te calas quando as crianças morrem soterradas em terremotos? Por que Te silencias quando a fome comprime os seus magríssimos corpos? Por que não ages quando nos acidentes os seus pulmões se asfixiam e o fôlego de vida se estanca? Ou ages e não sabemos? Ou acolhe-las no Teu peito, no seio da eternidade, quando os seus pequenos corações deixam de pulsar e não nos contas? Se amas, sofres; se sofres, por que optas pelo silêncio? O Teu silêncio sustentou durante anos o meu céptico ateísmo! Choras nas próprias lágrimas das crianças? Tremulas na angústia inexprimível dos pais que perderam seus filhos? Eu convido-Te a penetrar no turbilhão da minha culpa, nas entranhas da minha crise depressiva e no cárcere das minhas loucuras. Estou só, profundamente só. Tento esquecer-Te, mas ocupas a pauta da minha mente.

Pela primeira vez olhou ao redor e viu a plateia com olhos lacrimajantes. E de súbito lembrou-se de Friedrich Nietzsche, o filósofo alemão que muitos consideravam um dos grandes ateus da história, mas que surpreendentemente era um anti-religioso, e não um ateu. Recitou para os céus o poema de Nietzsche, *Ao Deus Desconhecido*, como se exalasse a sua própria mente.

*Antes de prosseguir no meu caminho e lançar o meu olhar para a frente
uma vez mais, elevo, só, as minhas mãos a Ti na direcção de quem fujo.*

*A Ti, das profundezas do meu coração, tenho dedicado altares festivos
para que, em cada momento, a Tua voz me pudesse chamar.*

Sobre esses altares estão gravadas em fogo essas palavras:

«Ao Deus desconhecido.»

Teu, sou eu, embora até o presente me tenha associado aos sacrilégios.

Teu, sou eu, não obstante os laços que me puxam para o abismo.

Mesmo querendo fugir, sinto-me forçado a servir-Te.

Eu quero conhecer-Te, desconhecido.

*Tu, que me penetras a alma e, qual turbilhão,
invades a minha vida.*

*Tu, ó incompreensível, mas meu semelhante,
eu quero Conhecer-Te.*

Depois de recitar o poema, fez uma pausa prolongada e suspirou fundo. Aumentou o tom de voz e tocou em assuntos «proibidos». Entrou nas fronteiras da psicologia e da sociologia. Aos brados, comoveu quem o escutava.

– Sabes o que é perder um filho? Choraste como eu chorei? Desesperaste como eu me desesperei? O que representa o carpinteiro de Nazaré para Ti? Apenas um filho da humanidade? Era o Teu filho quem tremulava numa trave de madeira? Se era, foi a primeira vez na história que um pai viu um filho sangrar e não o resgatou, embora tivesse todo o poder para fazê-lo. Não tive essa oportunidade. Por que não a aproveitou? No limite das suas forças, o homem Jesus abriu os seus debilitados pulmões e clamou: «Eli, Eli, lema sabactani?» («Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?») Ele não Te pediu vingança, nem anestésicos, muito menos glória, mas apenas o Teu ombro para chorar enquanto morria. A dor da solidão magoava-o mais do que a dor física. Mas Tu viraste o rosto para não o veres a agonizar. Choraste de um lado, e ele do outro; foram as lágrimas mais angustiantes da história. Se esses factos foram reais, enquanto Ele morria fisicamente, Tu «morrias» emocionalmente. Que sacrifício é esse, «ó Desconhecido»? Seis horas de agonia foram mais longas do que a eternidade passada. Para quê? Para investir numa humanidade falida? Que amor é esse que chegou às últimas consequências? O Semeador recuperou o fôlego... e emendou:

– Não entendo esse amor, ele ultrapassa os limites da razão. Se preciso fosse, sangraria as minhas mãos lapidando rochas para reencontrar os meus filhos. Daria todo o dinheiro e os bens de uma vida inteira em troca de mais um dia com a presença deles. Seria objecto de vergonha social, atravessaria os vales do desprezo, aceitaria ser cuspidado, vaiado, pisado e caluniado para tê-los nos meus braços. Resgatá-los-ia dos destroços do avião em chamas vivas, se pudesse. Mas a morte enterrou a minha lista de oportunidades...

Dos seus olhos corriam lágrimas como chuvas torrenciais. Não conseguia interromper as imagens dos últimos instantes com as suas crianças e a sua esposa.

– Filhos, tenho muita pena, mas tenho de viajar para o Médio Oriente com urgência. Preciso de me reunir com os príncipes do petróleo.

Julieta, a filha de sete anos, cabelos encaracolados, activa, alegre e intrépida, retrucou, entristecida:

– Outra vez, papá? Já contei dez vezes que tu desmarcaste compromissos comigo este mês. Não foste ao aniversário da Mariana, não foste ao parque, não jogaste vólei comigo, não foste à reunião com os professores...

Em seguida, a menina parou de descrever as falhas do pai, agarrou-se ao seu pescoço e beijou-o dez vezes para o lembrar dos dez compromissos desmarcados e para mostrar que, apesar de tudo, o amava muito, não pelo que ele tinha, mas pelo que era. Insistiu:

– Vamos, papá. Deixa as pessoas trabalharem para ti. Vamos!
– E agarrou-lhe delicadamente nas mãos para o levar para o avião.

Ele ficou sem fôlego com a atitude meiga de Julieta. Fernando, de nove anos, orgulho do pai, humilde, afectivo, sociável, que gostava de ter longas conversas com os empregados da família, também o questionou:

– Não somos mais importantes do que os teus compromissos, papá?

Constrangido, o pai afirmou:

– Sim, Dodô, sem dúvida! Mas trabalho para vocês. Dodô era o nome carinhoso pelo qual tratava o Fernando. A partir do segundo ano de vida, o menino começou a chamar ao seu avô, pai do seu pai, não de vovô mas de Dodô, e o avô alcunhou o menino com esse nome. A alegria do avô era o pequeno Dodô, mas faleceu cedo. Depois de o pai dizer que trabalhava para eles, o menino assestou-lhe um golpe certo com inteligência e afectividade:

– Mas, papá, de que adianta dares-nos o mundo todo se não temos o teu mundo, se não te temos a ti...?

O poderoso homem caiu do céu para a terra. A frase penetrou como uma lâmina na sua mente.

Enquanto se tentava recompor, a sua filha Julieta abalou-o de novo, mais até do que o seu filho:

– Vamos... fazer um acordo, papá... Quero trocar todos os presentes que tu me vais dar este ano... – Enxugou os olhos com as mãos e completou: – ... por um só presente: passar uma semana inteira comigo!

Comovido e quase sem palavras, fez um sinal de continência para a filha, como se estivesse a obedecer às ordens de um general.

– Prometo, fofinha! – disse carinhosamente à filha.

Aquelas recordações perturbaram ainda mais a sua mente naquela praça. Era um homem bom, um megaempresário preocupado com a sociedade e com projectos humanitários, mas fez do excesso de trabalho a sua loucura. Era viciado em actividade, um escravo numa sociedade livre, óptimo para o sistema, mas um carrasco de si próprio.

Tentando esconder as lágrimas, abraçou os filhos e beijou-os várias vezes, na testa, na cabeça e nas faces. Fez cócegas ao Fernando, desmanchou os cabelos da pequena Julieta e completou:

– Esperem por mim, vou surpreendê-los. Acreditem, apanharei o próximo voo.

Momentos depois voltou-se para a esposa, Júlia, e deu-lhe um prolongado beijo. Chamava-lhe carinhosamente Morena, devido aos seus cabelos encaracolados e escuros. Era uma mulher alta, esguia, bela.

– Morena, quanto mais o tempo passa, mais linda ficas.

Ela agradeceu, mas não conseguiu esconder a sua cálida tristeza. E pela primeira vez foi completamente honesta com ele:

– Nós estamos a perder-te. Tenho muitas saudades do tempo em que tu vivias no anonimato e tinhas pouco dinheiro. Cozinhávamos, brincávamos e sonhávamos juntos. Hoje, és cortejado por príncipes e presidentes, passas mais de treze horas por dia a trabalhar, viajas todas as semanas para um país diferente, fazes reuniões de trabalho aos fins-de-semana. Até na cama sinto que tu não és meu. Onde está o homem simples que me encantou?

Ele respirou fundo. As suas dívidas eram grandes. E reconheceu-as.

– Sei que já não sou o mesmo, Júlia. O excesso de compromissos roubou-me o tempo e o romantismo. Sinceras desculpas. – Parou por um momento de falar, pois sentiu um nó na garganta. – Mas acredita, eu amo-te. Deixarei o *front* das empresas e serei em breve apenas o presidente do conselho. Serei outro homem. Obrigado por não desistires de mim – e beijou-a de novo, longamente.

Nisto, a funcionária da companhia anunciou a última chamada para o voo. Última chamada, últimos beijos, últimos abraços, últimos diálogos, últimos encontros. O multimilionário empobreceu ao máximo. Não teve tempo de reescrever os textos da sua história. Entre ele e a sua família ficou um eterno silêncio e um vazio inexprimível.

Depois de recapitular esses momentos, o Semeador de Ideias regueu os seus olhos para o alto e disse:

– Se és Todo-Poderoso e tens carência de amor, imagina eu, frágil, fóbico, que morro todos os dias um pouco. Se Tu tens solidão, imagina eu, que nem sequer vi os corpos de Fernando, Julieta e Júlia para os enterrar. Não há células que em mim não doam nem ossos que em mim não gemam.

Apesar de estar de rastos, derrotado, conseguiu levantar-se cambaleante. Tomou fôlego e aumentou o tom das discussões. Quanto mais argumentava, mais sentia que estava a perder o debate, porém resistia a entregar-se.

– Sei que não és responsável pelas minhas falhas e omissões, mas, se Tu és o director do *script* da existência, por que não me ensinaste a matemática da emoção para poder apreçar o que não tem preço? Por que não gritaste aos meus ouvidos: «Ei! Louco, acorda!»? Por que fui eu o ateu dos ateus? Condenas os que não crêem em Ti? Por que sou imperfeito, errante, débil? Por acaso os que crêem em Ti foram perfeitos? Os discípulos do homem Jesus não lhe davam frequentes dores de cabeça?

Ele sabia que era indefensável, mas mesmo assim tentou fazer a sua defesa tirando a máscara por completo:

– O mais forte deles, Pedro, não Te negou três vezes, vexatoriamente, diante de servidores humildes? Sei que também Te neguei, e por dúzias de vezes, mas pelo menos foi para os grandes da sociedade. Judas, o mais culto dos discípulos, não Te traiu por trinta moedas de prata, pelo preço vil de um escravo? Também Te traí, eu sei, mas pelo menos fui mais inteligente do que Judas. Dei-Te as costas por milhões de dólares, por toneladas de prata.

Caiu novamente de joelhos, esgotado, dilacerado. Quase sem forças, partiu para o embate final e disse as suas últimas palavras:

– Mas escuta-me, Altíssimo. No acto da negação, o homem Jesus cruzou o seu olhar com o de Pedro e, o que é espantoso, gritou sem dizer palavras: «Eu compreendo-te! Eu compreendo-te!» Que homem é esse que compreende os que o golpeiam? E, no acto da traição, chamou a Judas amigo, abrindo uma janela para que se repensasse. Que homem é esse que abraça os que o apunham? E eu? Quem compreendeu a minha estupidez? Quem me chamou amigo quando me desintegrava no caos? Pedro reescreveu a sua história, e Judas, ao contrário, sucumbiu diante dela, puniu-se, deprimiu-se e ceifou a sua vida. Como ele, atolei-me na lama da culpa e da indecifrável perda. Puni-me, deprimi-me e, por fim, fui depositado como «objecto» num hospital psiquiátrico. Todos me abandonaram, inclusive eu próprio. E Tu? Tu permitiste-me ser um coleccionador de lágrimas.

Nesse momento, ajoelhado, tentava em vão enxugar as lágrimas com as mãos. Um judeu ortodoxo, embora não concordasse com algumas das suas palavras, ficou embasbacado com os seus argumentos. Juntou-se a um líder islamita, a um sacerdote cristão e a um monge budista, que também estavam perplexos com o que ouviram, e aproximaram-se dele. Tomados pela compaixão, levantaram-no e abraçaram-no. Mancharam as suas roupas de sangue, mas não se importaram. Perguntaram-lhe:

– Quem és tu?

– Quem sou? – Confuso pelo dramático *stress* e pela violência dos traumas que sofrera, tentou responder: – Tento ser um pequeno semeador de ideias para dar significado à minha vida.

– Mas qual é o teu nome? Onde moras?

– Não tenho morada certa, sou alguém em busca de mim mesmo.

Eles ficaram confusos. Sabiam, entretanto, que era um homem com uma dívida impagável. Tentando soprar-lhe uma brisa de consolo, acrescentaram a uma voz:

– Deus pode perdoar-te, meu filho.

O colecionador de lágrimas agradeceu-lhes comovido e completou:

– Sei que o Artesão da existência pode perdoar as loucuras dos homens, e quem sabe as minhas também. Mas o meu problema é eu perdoar-me a mim mesmo.

Nesse instante, olhou ao redor e viu-se rodeado de amigos que o amavam. Rico, viveu isolado no meio das multidões; miserável, construiu notáveis relações. Chegou a vez de os discípulos ajudarem o Mestre. Usámos um dos seus cortantes pensamentos para o instigar:

– Mestre, não traia as suas palavras. Você mesmo nos disse que a maior vingança contra um inimigo é perdoá-lo. Perdoe-o, e ele morrerá dentro de si; odeie-o, e ele viverá no centro da sua história e aterrorizá-lo-á dia e noite...

O intrigante debate que realizou, somado ao impacte das nossas palavras, refrigerou-lhe a mente, pelo menos um pouco. Era preciso aceitar a sua falibilidade e deixar de mutilar a sua emoção pela auto-punição. Era preciso também sepultar os filhos de uma vez por todas no seu psiquismo e continuar a escrever a sua história.

Eram grandes decisões e, como tais, solitárias. Se não as tomasse, a perda tornar-se-ia um cárcere psíquico, que bombardearia a sua mente com ideias pessimistas; a sua mente pessimista, então, asfixiaria o seu prazer de viver e geraria uma depressão que se arrastaria continuamente e contaminaria toda a sua agenda existencial. Transformar-se-ia num zumbi, num morto-vivo.